

A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS NA LINGUAGEM JORNALÍSTICA DO *PATROCÍNIO*

Ana Regina Vaz CALINDRO¹

RESUMO: A colocação dos pronomes clíticos é um fenômeno relevante para os estudos lingüísticos, pois envolve reanálises gramaticais que refletem períodos de variação e mudança lingüística. Este trabalho, que está enquadrado no projeto temático *Projeto de História do Português Paulista* (PHPP - Projeto Caipira), pretende descrever padrões de colocação dos clíticos em diferentes estruturas gramaticais em um periódico da cidade de Piracicaba, *O Patrocínio* (1925-1930), da chamada Imprensa Negra². O negro tem importância reconhecida na formação da cultura e língua brasileiras. Portanto, parte-se da hipótese de que nos jornais negros será possível verificar normas ou traços lingüísticos não-padrão fundamentais para a caracterização do português paulista. Na análise do corpus, foram considerados contextos em que a colocação dos clíticos apresenta variação, em contraposição à ênclise categórica do Português Europeu moderno. Ou seja, tal variação pode estar refletindo um período histórico da língua portuguesa, em que a gramática do Português Brasileiro, que hoje apresenta um padrão fundamentalmente proclítico nestes contextos, co-ocorre com as formas enclíticas de prestígio. Este estudo enquadra-se dentro da teoria de Princípios & Parâmetros, uma vez que pretende atestar que a variação e mudança resultam de alterações nos valores paramétricos especificados na faculdade da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Negra, História do Português, sintaxe, clíticos.

Introdução

¹ USP – Faculdade de Letras - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Mestrado na Área de Filologia e Língua Portuguesa
Endereço: R. do Rosário, 213. CEP: 13400-180, Piracicaba, SP
arc lindro@gmail.com

² Esses dados serão posteriormente comparados com exemplos retirados da *Gazeta de Piracicaba* (1882-1937), exemplar da Imprensa Majoritária, uma vez que este estudo é parte de dissertação de mestrado em andamento.

Este estudo faz parte do subprojeto - *Mudança Gramatical no Português de São Paulo: expressão pronominal e preposicional dos argumentos*, o qual está inserido no *Projeto de História do Português Paulista (PHPP – Projeto Caipira)*. Dentro deste contexto, este trabalho toma por base, primeiramente, o exemplar da chamada *Imprensa Negra, O Patrocínio* (1925 a 1930), escrito na cidade de Piracicaba.

Com base nas estruturas sentenciais colhidas no periódico citado, apresento os padrões de colocação dos pronomes clíticos. Parto da hipótese de que a linguagem dos jornais da *Imprensa Negra* apresenta registros de variação que configuram um distanciamento significativo da norma culta e uma maior proximidade com os usos próprios português vernáculo.

No intuito de enquadrar devidamente esse fenômeno no contexto sócio-histórico, será apresentada uma síntese da história de Piracicaba e de questões sociais relativas a esse importante município do estado de São Paulo, que exhibe características lingüísticas reconhecidamente relevantes no âmbito dialetal. Em seguida, será feito o enquadramento do negro na sociedade piracicabana e um levantamento do papel da *Imprensa Negra* nessa cidade e no estado de São Paulo como um todo.

Piracicaba

Desde os primórdios, Piracicaba revela significativa importância no interior paulista. No ano de 1836, o “Quadro Estatístico da Província de São Paulo”, aponta que Piracicaba possuía 10.291 habitantes e tinha o maior número de alfabetizados de toda a

Província: 395 de seus moradores. Itu contava com 166 alfabetizados de seus 11.146 habitantes e Curitiba apenas 152 de 16.157 (cf. ELIAS NETTO, 2002/03).

Em 1894, segundo documentos no Arquivo do Estado de São Paulo, Piracicaba era a terceira cidade mais importante do interior, seguindo apenas Campinas e Sorocaba. Naquele ano a população era de 15.000 habitantes e a cidade produzia 4,16% do algodão e 6,32% de frutas cítricas do estado. No século XX, Piracicaba firma-se como um dos maiores pólos do estado de São Paulo. Em 1900, era a quarta maior cidade do estado, contava com 8.054 habitantes brasileiros e 3.006 estrangeiros.

Atualmente, a cidade de Piracicaba é notória pelo seu dialeto caipira que, mesmo na área urbana, tem grande força. Existem diversas suposições acerca da origem do modo de falar. Elias Netto (2002/03), ao explicar a origem do dialeto “caipiracicabano”, observa que o Vale do Paraíba e o Vale do Tiête manteriam resquícios do português arcaico³, sendo que a própria palavra “caipira” faz referência a essa “cultura antiga” que ficou à margem dos rios percorridos pelo colonizador e onde habitavam os tupis-guaranis. “*Cá i pira*” em tupi significa “a mata que acompanha o rio”.

Outro fator relacionado à caracterização do indivíduo denominado “caipira” é a questão da formação do mercado de trabalho e da identidade brasileira após a abolição da escravatura. Na passagem do século XIX para o século XX, o país recebia levas de europeus que vinham para substituir o trabalho escravo. Dessa forma, o povo brasileiro passou a ser definido em contraposição ao europeu, considerado superior culturalmente e racialmente, apesar da grande maioria dos imigrantes ser analfabeta e provir de regiões carentes. Assim, a identidade do povo brasileiro passou a ser representada pelo caboclo,

³ Para Mattos e Silva (2001) o termo “Português Arcaico” abrange o período entre os séculos XIII e XV.

sertanejo e caipira, resultados da miscigenação das etnias formadoras da nação (cf. OLIVEIRA & KEWITZ, 2002).

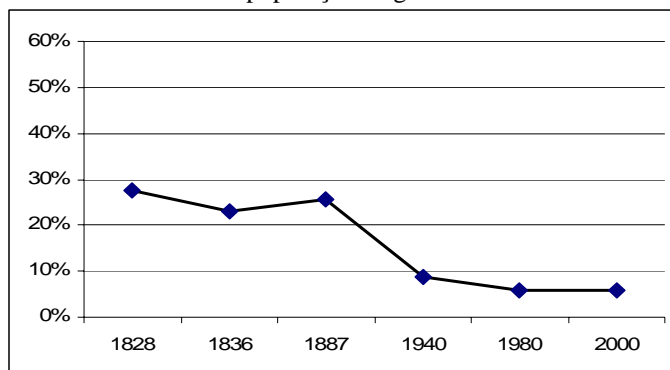
O negro em Piracicaba

Desde o princípio do povoamento de Piracicaba, a presença do negro na região é expressiva. No ano de 1836, o Marechal D. P. Muller registrou no “Almanak de São Paulo” que havia em Piracicaba 1756 escravos negros homens e 622 mulheres, de um total de 10.291 habitantes, o que totaliza 23,1% da população.

De acordo com o mesmo almanaque em 1887, Piracicaba contava com cerca de 22.000 habitantes e era o terceiro município paulista com o maior número de escravos (5663 – 25,74% da população total), atrás apenas de Campinas (15.427) e Bananal (6.903).

Após a abolição, no entanto, os negros não foram integrados à sociedade. Seu trabalho nas fazendas foi substituído pela mão de obra estrangeira, o que os levou a uma situação de subemprego, ou tornavam-se agregados ou partiam para as áreas despovoadas do sertão a fim de encontrar meios de sobrevivência. Esse fato pode ser comprovado através da comparação entre os censos realizados no século XIX e XX. Nesse período, Piracicaba parece ter sofrido uma espécie de processo de “branqueamento”, como demonstram os dados do gráfico a seguir:

Gráfico 1: A população Negra em Piracicaba



Os jornais oficiais piracicabanos do final do século XIX e início do XX, entre eles, A Gazeta de Piracicaba e O Jornal de Piracicaba, nos dão pistas indiretas da discriminação imposta aos negros no cotidiano da vida urbana. A imprensa local reclamava da algazarra dos “pretos desordeiros” que se reuniam em botequins. Da mesma forma, festas dos negros eram tidas como imorais, por causa das suas umbigadas, requebros e descompromisso com a moralidade branca.

No entanto, a grande presença dos negros em Piracicaba, ao longo do século XX, mostra que não se conseguiu impedir a influência dos negros africanos e de seus descendentes. De fato, esta pode ser verificada na cultura “caipiracicabana” através da culinária, das festas populares, no sincretismo religioso, nas lendas, na língua, na música, nos esportes e na dança – que tem como herança a batucada.

Piracicaba conta, além disso, com a *Sociedade Beneficente 13 de Maio*. Fundada em 1901 com o nome de Sociedade Beneficente “Antonio Bento”, em homenagem ao Patriarca da Liberdade – Antonio Bento de Souza Castro. Segundo relatos, a entidade foi idealizada por abolicionistas brancos ligados à maçonaria. O objetivo da congregação era criar um espaço onde os ex-escravos e seus descendentes pudessem reunir-se e assim, integrar-se à

comunidade em geral. Contudo, além das festividades, a associação prestava serviços médicos, farmacêuticos, jurídicos e educacionais à comunidade.

O periódico *O Patrocínio* – exemplar da Imprensa Negra de Piracicaba - estava ligado à Sociedade 13 de Maio como será melhor explicitado no item que segue.

A Imprensa Negra

A Imprensa Negra está diretamente relacionada ao movimento negro, surgido no início do século XX, sendo herança da luta quilombola que atravessou todo o período colonial e do império. Esses jornais estavam ligados a diversas associações sociais e recreativas afro-brasileiras. Apesar de serem entidades de cunho social, elas também estavam engajadas em uma mobilização pela cidadania, através de ações para a inclusão do negro no mercado de trabalho, no sistema de ensino e na sociedade civil em geral, ou seja, lutavam contra o preconceito e a exclusão que o negro pós-abolição sofreu em todas as esferas.

Cabia a esses periódicos tratar de questões raciais e sociais em relação à classe negra. Bastide (1951, p. 110) observa que: “Esses jornais procuram primeiramente agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso da solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade”. Portanto, o primeiro objetivo desta imprensa era a educação, o protesto ficava em segundo plano.

Esse fator podem ainda ser confirmado em diversos textos do jornal *O Patrocínio*, como na convocação para o primeiro *Congresso da Mocidade Negra do Brasil*:

Si Piracicaba goza a fama de culta, representada pelos seus filhos brancos, é necessário que os filhos negros de Piracicaba procurem dar-lhe igual valor. Precisamos seguir o exemplo maravilhoso dos homens de cor de Botucatu, que não trepidaram em formar uma comissão composta de nomes de reconhecida idoneidade moral, com o fim unico de pugnar pelo congresso, angariando donativos com os quaes possam auxiliar a comissão organizadora do primeiro Congresso da Mocidade Negra do Brasil

(Pat.-20/10/1929:6)

Além de conscientizar os negros, esses jornais criticavam atitudes tidas por infames. Condenavam o alcoolismo e faziam um apelo à moralidade e à dignidade nas relações sociais. Também, lutavam contra estereótipos, comumente ligados à criminalidade, à indolência, ao deboche, à preguiça e à falta de iniciativa. Chegavam até a condenar os “batuques”, os sambas e as danças populares.

Bastide (*op.cit.*) afirma que a Imprensa Negra caracterizou-se por ser um grande instrumento de puritanismo negro. Os artigos clamavam pelo comportamento adequado nas relações entre homens e mulheres, falavam da maneira correta de se vestir e de boas maneiras. De acordo com Nascimento (2003, p. 227): “Tal postura reflete a necessidade de afirmar, contra a imagem esteriotipada cultivada pelo racismo, outra (sic) limpa e positiva, de honorabilidade e polidez, para contrapor à imagem do negro como selvagem”, questão essa que pode ser verificada no seguinte trecho de *O Patrocínio* :

Não gosto desses negros que vivem por ahi, enfulhados por esses *botécos*. Não gosto dos gestos desses homens, que ao levar o copo á bocca quebrando o pulso no ar, destacam para o lado o dedo minimo meio arqueado. Aquillo è feio é ridiculo. E geralmente os que assim procedem, são sempre pretenciosos e convencidos. Não gostam que se lhes apontem o mal que pode acarretar esse pernicioso vicio. (O Pat.-7/4/1928, p. 2)

Para o estudo da Imprensa Negra paulista, autores propõem periodizações diversas, de acordo com os objetivos e o corpus de sua pesquisa. Bastide (1951) divide os jornais em três fases. A primeira, de 1915 a 1930, foi iniciada com *O Menelick*, de São Paulo. Essa data coincide com a Primeira Guerra Mundial e o desenvolvimento do ensino gratuito primário no Brasil. O segundo período se estende de 1930 a 1937. Com o restabelecimento do regime democrático, a Imprensa Negra retorna em sua terceira fase, de 1945 em diante.

Diferentemente, Ferrara (1986) considera que o primeiro momento vai de 1915 a 1923. Os jornais negros dessa época, bem como os periódicos provincianos não negros, são essencialmente veículos de comunicação e divulgação social, como falecimentos, casamentos, festas religiosas, quermesses, mexericos, entre outros. Segundo Bastide (*op.cit*), para a classe negra era importante mostrar que eles conheciam as regras de polidez, faziam parte da sociedade e celebravam sua existência, portanto não eram os selvagens que muitos imaginavam. Conforme o periódico, as notícias sociais ocupavam entre 30 e 60% do número de colunas.

No ano de 1923, o jornal *O Getulino* foi fundado em Campinas. Esse periódico apesar de ainda trazer as notas sociais dos anteriores, possuía um tom mais reivindicatório, abrindo, por essa razão, a segunda fase da Imprensa Negra que perduraria até 1937, quando há a instauração do Estado Novo.

Ainda na segunda fase, em 1924, surge em São Paulo *O Clarim da Alvorada*, fundado por José Correia Leite e Jayme de Aguiar, no qual o caráter combativo acentua-se e começa a se aprimorar. A sua intenção era a de reerguer a memória das lutas passadas e convocar a comunidade a reorganizar-se para dar continuidade às mesmas.

O periódico piracicabano *O Patrocínio* – um “*orgam, literario, critico e humoristico*” não fugiu aos padrões, objetivos e ideais da Imprensa Negra como um todo.

Assim é que, na organização do conteúdo de suas matérias encontramos a seção social, com notícias de casamentos, aniversários, batizados, falecimentos. Na seção literária, por assim dizer, temos poemas, contos. Não faltam ainda as notas esportivas e anúncios. Note-se que, acima de tudo, o jornal dá um espaço privilegiado para os de protesto e reivindicação, na linha de *O Getulino*. Portanto, esse periódico faz parte da segunda fase descrita tanto por Bastide (*op. cit*) quanto Ferrara (*op. cit*).

O redator-chefe dessa folha foi Alberto de Almeida. Apesar de documentos e registros a seu respeito não terem sido encontrados nas atas de reuniões da Sociedade 13 de Maio, soube-se, por exemplo, que chegou a Piracicaba vindo do Rio de Janeiro para estudar. Registra-se ainda que morava e trabalhava em uma república estudantil da Escola de Agronomia Luiz de Queiroz (ESALQ-USP). Há artigos assinados por ele em todos os nove exemplares do *Patrocínio*. Em sua maioria são textos de protesto e conscientização da classe negra, como neste exemplo:

Quando iniciamos nesta pequena lucta verdadeiramente infausta e desigual, tivemos em mira unicamente um fim: -- prestar pequenissimos e desinteressados serviços á nossa classe, que na opinião de muitos é a ultima na escala social. Queriamos e queremos ver os homens de cor unidos, trabalhando todos para o bem estar commum, reunidos em sociedades que nos educassem e elevassem nos a um certo grau social, de modo a não ficarmos tão distanciados das outras classes.

(Pat. -23/3/1930, p. 2)

O principal colaborador desta folha, porém, foi Jayme de Aguiar, jornalista de grande prestígio por sua atuação no jornal da Imprensa Negra paulistana *O Clarim da Alvorada*. De fato, nos nove exemplares coletados, encontramos artigos e poemas de sua autoria em seis deles.. Moura (2002) coletou um depoimento do jornalista a respeito dos

jornais *O Patrocínio* e *O Getulino* de Campinas, fundado pelos irmãos Andrade, Lino Guedes e outros:

Esses dois jornais foram um sucesso. A vinda, logo após a revolução, de jornalistas campineiros negros para São Paulo, como Gervásio Oliveira, Benedito Florêncio, Lino Guedes e outros, possibilitou a sua participação também na grande batalha em prol da grandeza do negro. Todos eles irão participar da imprensa negra paulistana.

A colocação dos pronomes clíticos

Na comparação entre o PB e o PE e na análise de suas fases históricas, as alterações que se verificam na colocação pronominal se revelam como um fenômeno característico do processo de evolução e transformação das duas variantes. (cf. GALVES; BRITTO; PAIXÃO de SOUZA, 2005; MARTINS, 1994; PAGOTTO, 1993; TORRES-MORAIS,1995).

A variante pré-verbal tornou-se o padrão básico em PB nos domínios finitos e não finitos, tanto em orações independentes ou coordenadas como em orações subordinadas e imperativas. Isto significa dizer que a colocação proclítica independe da presença dos ‘atratores’ de próclise.

Muitos pesquisadores têm afirmado que, no PB, tanto a ênclise como os clíticos de 3ª pessoa seriam adquiridos durante a educação formal. De acordo com Kato (2006), porém, a escolarização consegue resgatar com algum êxito as formas clíticas, mas não sua colocação. Dessa forma, tanto na linguagem oral quanto escrita, os falantes brasileiros mantêm a colocação proclítica.

A afirmação da autora pode ser confirmada em estudos sobre a escrita de universitários, nos quais foram encontrados exemplos de ênclise em orações subordinadas, relativas e negativas, que são contextos categóricos de próclise na variante lusitana. Esses dados apontam que a ênclise reflete uma atitude de hipercorreção por parte de certos indivíduos. Trata-se, portanto, de uma assimilação imperfeita dos padrões normativos da colocação pronominal imposto pelo ensino gramatical.

Ademais, são comuns casos em que o pronome aparece em posição inicial absoluta da sentença, os chamados contextos V1, sendo essa uma importante inovação do PB (01), em relação ao PE (02) (cf. TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005).

(01) – **Me devolva** o livro – disse. (PB)

(02) – **Devolva-me** o livro – disse. (PE)

(TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.32)⁴

Outro caso notável de mudança na colocação dos clíticos é a próclise ao verbo principal no contexto das locuções verbais. Compare os exemplos (03) e (04).

(03) ... e prometiam **me ensinar** os segredos da Arte. (PB)

(04) ... e prometiam **ensinar-me** os segredos da Arte. (PE)

(TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.41)

⁴ Dados extraídos do texto “Contraste da Sintaxe dos Clíticos no Português Europeu e Português Brasileiro”, em que as autoras comparam a versão brasileira e a versão “adaptada” em Portugal do livro *O Alquimista*, de Paulo Coelho (1988).

Nunes (1993) observou que a cliticização no PB passou a ser direcionada fonologicamente da esquerda para a direita, e não o contrário, como é o caso do PE. Portanto, em exemplos com locuções verbais, como (05) do PB e (06) do PE, tem-se no primeiro caso próclise ao verbo principal e no segundo ênclise ao verbo auxiliar.

(05) João tinha **me** visto (PB)

(06) João tinha-**me** visto (PE)

(NUNES, 1993, p. 214)

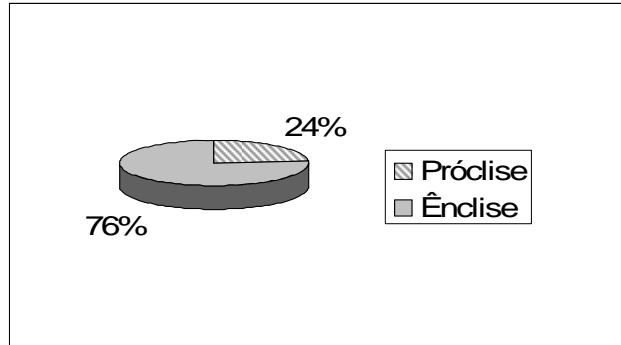
Com base nas afirmações apresentadas acima acerca da colocação dos pronomes clíticos no PB , no item seguinte será apresentada uma descrição parcial dos dados encontrados no corpus estudado. O objetivo é verificar se já neste registro de língua escrita é possível verificar os padrões de colocação característicos do PB atual.

Análise dos dados

Para esta descrição foram selecionados contextos de verbos finitos simples e grupos verbais envolvendo verbos flexionados e verbos não flexionados, sentenças principais, coordenadas e introduzidas por preposição. Os dados em que havia operadores de próclise foram desconsiderados, uma vez que tais contextos não apresentam variação por esses atratores tornarem a próclise obrigatória em ambas as variantes.

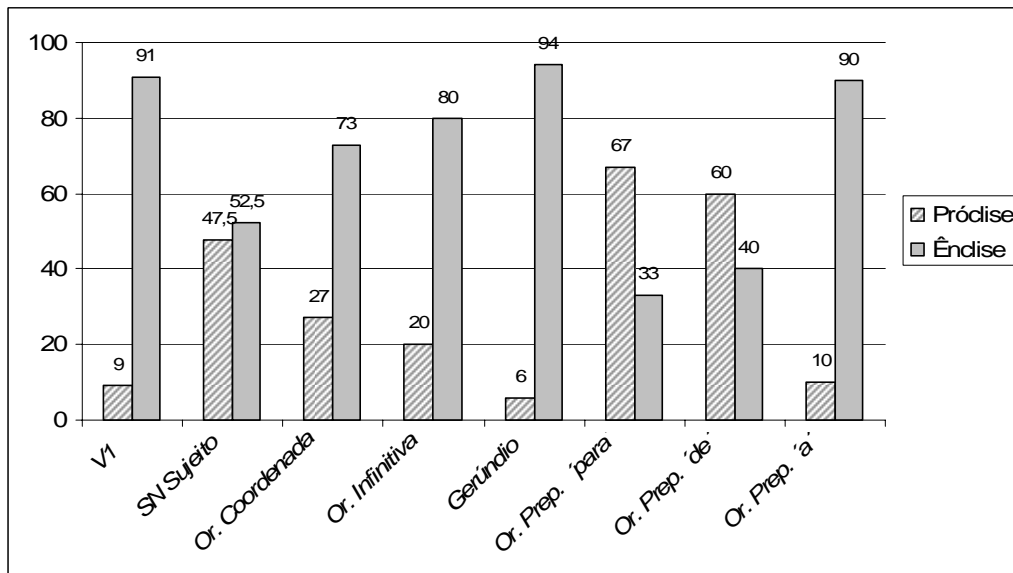
Os gráficos 2 e 3 a seguir apresentam, respectivamente, os resultados gerais da colocação dos pronomes clíticos, e os contextos selecionados:

Gráfico 2: Resultado geral da colocação dos pronomes clíticos



Como é possível observar, apesar da próclise perfazer 24% dos exemplos analisados, este é um resultado relevante, uma vez que nos dados selecionados a gramática normativa prescreve a ênclise. Sendo assim, este é um indício de que o vernáculo já pode ser verificado, mesmo que de forma diminuta, no corpus analisado.

Gráfico 3: A colocação dos pronomes clíticos nos contextos selecionados



Os dois primeiros casos apresentados no gráfico acima (V1 e SN sujeito) são relevantes, já que ocorre variação neles. Ora, de acordo com a norma, a colocação ênclítica é categórica nestes contextos.

Como dito acima, o pronome clítico anteposto ao verbo em início de oração (posição V1) é uma das grandes inovações do PB. No corpus estudado foram recolhidos 106 casos de sentenças V1. Desses, apenas em 9 casos (9%) o pronome ocorre proclítico ao verbo. A baixa percentagem de próclise neste contexto, porém, pode estar revelando uma postura normativa. No uso coloquial culto, o clítico em posição V1 já deveria ser bastante produtivo. Vejamos o exemplo:

(07) – E 'verdade; **me** esqueci que a professora ...
(Pat. – 23/3/1930, p.1)⁵

Em relação ao segundo contexto, em que o elemento que antecede o verbo é um SN sujeito, o corpus analisado apresenta variação entre próclise (47,5 %) (08) e ênclise (52,5%) (09). Este resultado é bastante importante uma vez que, na variante lusitana, a ênclise é aqui categórica

(08) Esta mulher **me** aterrorisa ... (Pat. – 23/3/1930, p. 3)

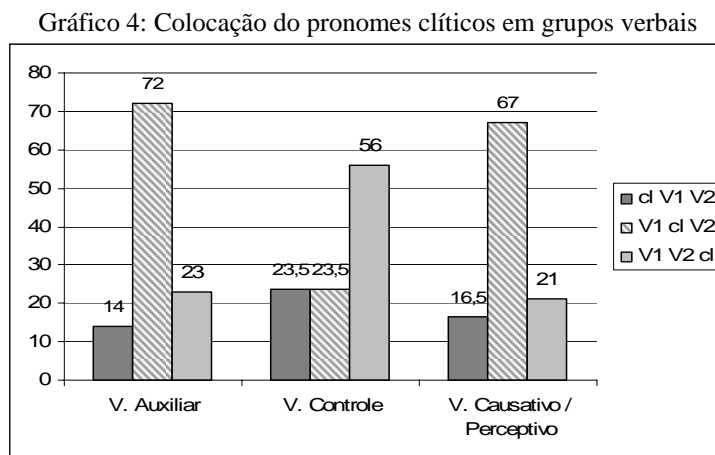
(09) O homem foi-**se**. Eles ficaram. (Pat. – 7 /4/1928, p. 1)

⁵ A referência obedecerá o seguinte padrão: o jornal “O Patrocínio” será abreviado por *Pat.* em seguida apresentar-se-á a data e a página em que se encontra o item.

Considero que esses resultados apontam para o caráter inovador da escrita deste jornal, uma vez que já é possível perceber nele a presença do uso essencialmente brasileiro, desligado da norma lusitana imposta como padrão.

Para a análise da colocação dos pronomes nos grupos verbais, os verbos foram divididos em três grupos: verbos auxiliares; de controle; causativos e perceptivos. Neles, os clíticos podem se posicionar de três maneiras : 1. pré-complexo verbal (cl V1 V2); 2. intra-complexo verbal (V1 cl V2); e 3. pós complexo verbal (pós-CV ou V1 V2 cl) (cf. VIEIRA, 2003).

O gráfico abaixo apresenta a distribuição dos clíticos em relação à sua posição no corpus analisado:



De acordo com a norma, nos grupos verbais com auxiliares *ter, haver, estar, ir*, os pronomes devem ocorrer enclíticos ao verbo principal, ou ao verbo flexionado. No PB, porém, o pronome pode estar proclítico ao verbo principal.

Foram encontrados 15 exemplos de sentenças com verbos auxiliares no corpus. Dessas, 6 sem operador de próclise. Em 5 delas o clítico encontra-se entre os dois verbos,

proclíticos ao verbo principal (10), seguindo a tendência fonológica do PB de cliticizar-se à direita (cf. NUNES, 1993), hipótese que pode ser reforçada a ausência de hífen:

(10) ...fui **me** colocar ao lado de uma cesta de rosas. (Pat. – 23/3/1930, p. 1)

Há apenas um caso em que o pronome se encontra enclítico ao verbo principal, talvez porque a locução encontre-se em posição inicial na sentença.

(11) Iam despedir-**se**. Elle quiz beija-la. (Pat. – 7/4/1928, p.3)

Outro grupo verbal a ser levado em consideração é o que apresenta os chamados verbos de controle, com significação modal ou aspectual, constituído por predicados epistêmicos, volitivos e conativos, como *querer, desejar, prometer, poder, dever*. De acordo com a norma, o pronome deve ocorrer enclítico ao verbo principal não finito. No PB, porém, há próclise ao verbo principal – outra inovação desta variante.

No presente trabalho foram encontradas 17 sentenças com verbos de controle. Entre elas, 9 (50%) seguem o padrão normativo:

(12) ..., só assim o Brasil poderá igualar **se** às nações mais civilizadas.
(Pat. – 28/9/1929, p.3)

Em 4 dos casos (23,5%), o clítico está proclítico ao verbo não finito (13), o que ilustra a inovação brasileira.

(13) ..., a sua retenção poderá nos causar desagradáveis consequências.
(Pat. – 29/6/1930, p. 1)

O último grupo é o dos verbos causativos *mandar, fazer, deixar e* perceptivos *ver, ouvir, sentir*. Nesse caso, a colocação normativa é a ênclise ao verbo da oração principal, 21% dos 7 casos encontrados no corpus analisado.

(14) Sinto baterem-me nas costas. (Pat. – 7/9/1928, p. 2)

A colocação inovadora, ou seja, próclise ao verbo da oração principal ocorre, porém, em 67% dos exemplos coletados :

(15) Fazendo o voltar por um rapido momento á escuridão.
(Pat. – 20/10/1929, p. 3)

Características Particulares

No corpus em questão foram encontrados ainda 7 exemplos interessantes em que os pronomes estão enclíticos ao verbo mesmo havendo um operador de próclise na sentença:

(16) Ella também segurou-**o** e gritou, o guarda noturno acudiu.
(Pat.-7/4/1928, p. 3)

(17) Foi forte, resistiu todos os embates que então apresentou-**se**, mais um foi mais forte que aniquilou-**o** por completo.
(Pat. –7/9/1928, p. 1)

Segundo a hipótese de Schei (2003), no PB haveria estruturas que são cristalizadas, nas quais sempre ocorre ênclise, independente da presença de um operador de

próclise. A autora exemplifica essa categoria com os verbos: *sentar-se*, *casar-se*, *chamar-se*, e *tornar-se*.

Como os exemplos citados acima não representam a ênclise “cristalizada”, mesmo com a presença de atratores de próclise, a hipótese mais viável para explicar essas ocorrências é a de hipercorreção. Sendo assim, esses dados demonstram que os autores dessas sentenças não dominam a norma padrão lusitana, pois ao tentarem se adequar à norma culta para mostrar plena habilidade com a língua, cometem equívocos, utilizando a ênclise em contextos de próclise ou mesóclise.

Conclusões Parciais

Pelos resultados dos dados descritos até o presente momento, parece estar correta a hipótese de que a *Imprensa Negra* poderia ser um veículo de estudo do vernáculo da época na qual está inserida. Apesar de em muitos artigos a preocupação com o padrão normativo ser clara, através da conformidade com o padrão imposto pela gramática tradicional, há diversos casos em que a colocação dos pronomes clíticos apresentou o padrão de uso da norma do PB atual e não da norma prescritiva.

Contudo, para que seja possível realizar afirmações mais precisas a esse respeito, será preciso uma análise com mais cautela de outros tipos de dados que caracterizariam esses textos específicos. Além disso, é necessário finalizar a contagem e análise do corpus de *Imprensa Majoritária*, para daí contrastá-los com os dados que já foram colhidos.

Referências Bibliográficas

- BASTIDE, R. “A imprensa negra do Estado de São Paulo” in: *Estudos afro-brasileiros*. SP: Perspectiva, 1951.
- FERRARA, M.. *A imprensa negra paulista 1915-1963*. 1986. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GALVES, C., BRITTO, H & PAIXÃO de SOUZA , M. “The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese”. *Journal of Portuguese Linguistics*, n. 4, 2005.
- KATO, M. “A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical”. In: MARQUES M. A; KOLLER, E., J. Teixeira & A. S. Lemos (orgs). *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (U. do Minho), 2006.
- MARTINS, A.M. *História dos Clíticos no Português*. 1994. Ph.D. Dissertation, Universidade de Lisboa.
- MOURA, C. *Imprensa Negra*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.
- NASCIMENTO, E. (2003). *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo, Summus.
- NETTO, E. *Memorial de Piracicaba*. Piracicaba, 2002/2003.
- NUNES, J. “Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em Português Brasileiro”. In: ROBERTS, I. & KATO, M.(orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- OLIVEIRA, M. & KEWITZ, V. “A representação do caipira na Imprensa Paulista do século XIX”. In: DUARTE, M.E. & CALLOU, D. (orgs.) *Para a História do Português Brasileiro*, v.IV. Rio de Janeiro: Faperj, 2002.
- PAGOTTO, E. “Clíticos, mudança e seleção natural” . In: ROBERTS, I. e KATO, M. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas : Editora da UNICAMP, 1993.
- _____ & DUARTE, M. E “Gênero e norma; avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX”. In : Lopes, C. (2005) *A norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século 19*. R.J.:In-Fólio.(Comunicação apresentada no VI Seminário do PHPB), 2004

SCHEI, A. *A colocação pronominal na lingual literária contemporânea do português brasileiro*. 2000. Stockholms Universitet- Tese de doutorado.

TORRES-MORAIS, . M *Do português clássico ao português moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. 1995. Unpublished doctoral thesis, UNICAMP.

_____ & RIBEIRO, I. “Contraste da Sintaxe dos Clíticos no Português Europeu e Português Brasileiro”. *Linha D’Água*, n.17, 2005.

VIEIRA, S. R. “Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português”. In: *Análise Contrastiva de Variedades do Português*. R.J. : Infolio, 2003.